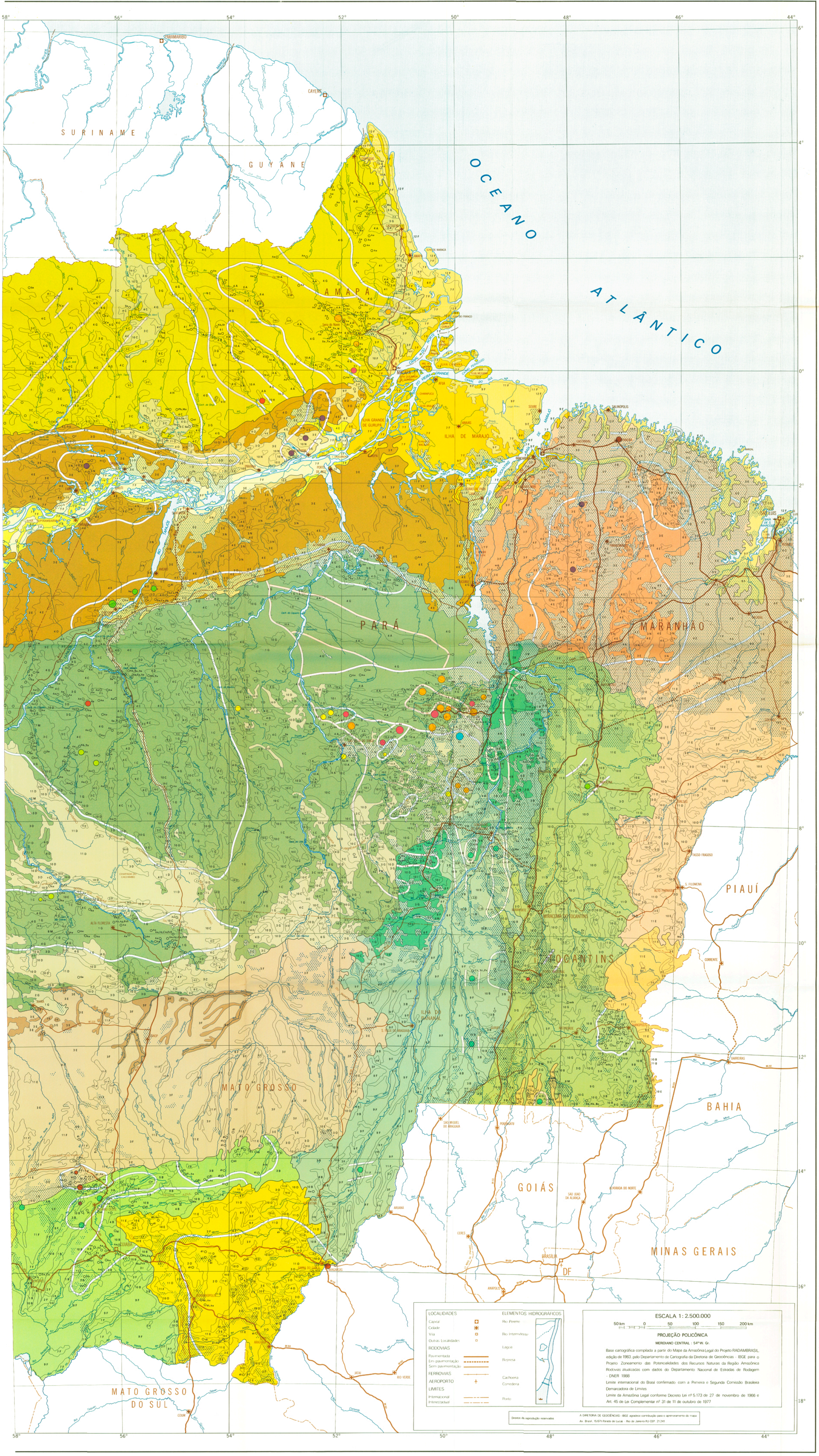

LOCALIDADES

Capital	◘
Cidade	◆
Vila	▫
Outras Localidades	▫

RODOVIAS

Pavimentada	━━━
Em pavimentação	┅┅┅
Sem pavimentação	───

FERROVIAS	┼─┼─┼
AEROPORTO	✈

LIMITES

Internacional	— — —
Interestadual	—·—·—

ELEMENTOS HIDROGRÁFICOS

Rio Perene
Rio Intermitente
Lagoa
Represa
Cachoeira
Corredeira
Porto

ESCALA 1: 2.500.000

50 km 0 50 100 150 200 km

PROJEÇÃO POLICÔNICA

MERIDIANO CENTRAL : 54° W. Gr.

Base cartográfica compilada a partir do Mapa da Amazônia Legal do Projeto RADAMBRASIL, edição de 1983, pelo Departamento de Cartografia da Diretoria de Geociências - IBGE para o Projeto Zoneamento das Potencialidades dos Recursos Naturais da Região Amazônica Rodovias atualizadas com dados do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem - DNER 1988

Limite internacional do Brasil confirmado com a Primeira e Segunda Comissão Brasileira Demarcadora de Limites

Limite da Amazônia Legal conforme Decreto Lei nº 5.173 de 27 de novembro de 1966 e Art. 45 de Lei Complementar nº 31 de 11 de outubro de 1977

Direitos de reprodução reservados

A DIRETORIA DE GEOCIÊNCIAS - IBGE agradece contribuição para o aprimoramento do mapa
Av. Brasil, 15.671-Parada de Lucas - Rio de Janeiro-RJ-CEP. 21.241

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA	POTENCIAL MADEIREIRO ESTIMADO	
	com potencial	sem potencial
PLANALTO DO INTERFLÚVIO AMAZONAS—ORENOCO Esta região constitui o grande divisor de águas da bacia hidrográfica dos rios Orenoco, na Venezuela e Amazonas, no Brasil. Fazem parte deste interflúvio os relevos tabulares dos Planaltos Residuais de Roraima com altitudes que chegam a 3.000 m e patamares dissecados com altitudes que variam de 200 a 2.000 m, denominados regionalmente de Serra do Imeri, Serra Tapirapecó, Serra Gurupira, Serra Urucuzeiro, Serra Parima e Serra Pacaraima. As formas do relevo apresentam vertentes de forte declividade resultantes da adaptação da rede de drenagem à falhas e fraturas. Nela ocorrem diferentes ecossistemas que somente poderão ser identificados e avaliados por meio de estudos mais detalhados. Embora com pouco significado, o inventário florestal desta área revelou um volume bruto médio de madeira de 97 m³/ha e a ocorrência de algumas espécies tradicionalmente comercializadas, tais como: maçaranduba *(Manilkara sp.)*, quaruba *(Vochysia sp.)*, angelim *(Dinizia sp.)*, cedrorana *(Cedrelinga cataeniformis)*, parapará *(Jacaranda copaia)*, louro *(Ocotea sp.)* e sucupira *(Bowdichia sp.)*.	▨ 🟧	▨
DEPRESSÕES DA AMAZÔNIA SETENTRIONAL Esta região, com altimetrias que variam de 100 a 600 m, abrange uma superfície pediplanada elaborada em rochas pré-cambrianas que se estendem do Estado do Amapá até o extremo oeste da Amazônia, compreendendo as seguintes unidades geomorfológicas: Depressão do Rio Branco—Rio Negro, Depressão Pará—Amapá e os Planaltos Residuais do Norte da Amazônia. Apresenta a dominância da Floresta Ombrófila Densa, com árvores emergentes, cujo volume bruto médio de madeira é de 141 m³/ha. Ocorrem nesta área espécies madeireiras, tais como: andiroba *(Carapa guianensis)*, maçaranduba *(Manilkara sp.)*, angelins *(Dinizia sp., Hymenolobium sp.)*, piquiá *(Caryocar sp.)*, acapu *(Vouacapoua americana)*, cupiúba *(Goupia glabra)*, louros *(Ocotea sp.* e *Nectandra sp.)*, cedro *(Cedrela odorata)*, sucupira *(Bowdichia sp.)*, além de espécies produtoras de látex como a seringueira *(Hevea sp.)*, sorva *(Couma macrocarpa)* e de frutos como a castanheira *(Bertholletia excelsa)*, cupuaçu *(Theobroma grandiflora)* bem como algumas palmeiras. Quanto ao potencial relativo das florestas, para exploração econômica, esta, sem dúvida, inclui-se entre as melhores.	🟨	▨
PLANALTOS DA BACIA SEDIMENTAR DO AMAZONAS Esta região é representada por um conjunto de relevos tabulares e uma grande faixa de dissecação em interflúvios tabulares e cristas, em retomada de erosão por uma drenagem incipiente. Corresponde a duas faixas extensas na direção NNE—SSW, a norte e a sul do Rio Amazonas formadas por terrenos sedimentares fanerozóicos, com altitudes situadas entre 300 a 600 m. As florestas que nela ocorrem apresentam um expressivo volume bruto médio de madeiras de 114 m³/ha que, a exemplo da anterior, é resultante, em parte de espécies de boa cotação comercial no mercado madeireiro. Entre elas destacam-se: acapu *(Vouacapoua americana)*, maçaranduba *(Manilkara sp.)*, andiroba *(Carapa guianensis)*, louros *(Ocotea sp.* e *Nectandra sp.)*, jutaí *(Hymenaea sp.)*, pau-d'arco *(Tabebuia sp.)*, sucupira *(Bowdichia sp.)*, cupiúba *(Goupia glabra)*, cedro *(Cedrela sp.)* e muiracatiara *(Astronium sp.)*. A castanheira *(Bertholletia excelsa)*, a seringueira *(Hevea sp.)*, e as palmeiras açaí *(Euterpe oleracea)* e bacaba *(Oenocarpus bacaba)* muito contribuem para a economia local através dos produtos extrativistas.	🟧	▨
PLANÍCIE AMAZÔNICA A Planície Amazônica caracteriza-se por apresentar uma colmatagem atual e ativa, onde se destacam lagos, furos, paranás e depósitos lineares fluviais recentes. Estende-se pelas áreas marginais dos rios Solimões, Javari, Juruá, Purus, Amazonas, Madeira, Japurá, Negro, Uatumã e seus principais afluentes. As áreas florestais apresentam um significativo volume bruto médio de madeiras de 107 m³/ha que, em função da facilidade de acesso, se encontram bastante alteradas pela exploração madeireira seletiva. Entre as espécies de maior importância destacam-se: andiroba *(Carapa guianensis)*, ucuúba *(Virola sp.)*, cedro *(Cedrela sp.)*, pau-d'arco *(Tabebuia sp.)*, pau-mulato *(Calycophyllum spruceanum)*, muiratinga *(Helicostylis sp.)*, louros *(Ocotea sp.* e *Nectandra sp.)*, itaúba *(Mezylaurus itauba)*, miraúba *(Mouriri sp.)* e parapará *(Jacaranda copaia)*.	🟨	▨
DEPRESSÕES DA AMAZÔNIA OCIDENTAL Esta região é constituída por uma extensa área rebaixada elaborada em rochas pertencentes a Formação Solimões, compostas por argilitos, siltitos e arenitos de idade plio-pleistocênica. A rede de drenagem é formada pelas bacias dos rios Negro, Japurá, Içá, Solimões, Javari, Juruá, Purus e Madeira. O relevo é dissecado em interflúvios tabulares e colinas rebaixadas, típicas da região compreendida entre os rios Javari e Acre, e *cuestas* e *hog-backs* da Serra do Divisor. Apresenta a dominância das Florestas Ombrófilas, Densa e Aberta cujo volume bruto médio de madeira é de 117 m³/ha. Em sua maioria apresentam um volume relativamente baixo das espécies de boa cotação comercial, entre elas destacam-se: cerejeira *(Torresia acreana)*, mogno *(Swietenia macrophylla)*, cedro *(Cedrela odorata)*, pau-d'arco *(Tabebuia sp.)*, louros *(Ocotea sp.* e *Nectandra sp.)*, freijó *(Cordia sp.)*, ucuúba *(Virola sp.)*, cupiúba *(Goupia glabra)*, jutaí *(Hymenaea sp.)* e muiracatiara *(Astronium sp.)*. Esta é uma das áreas que apresenta, grande potencial extrativista, principalmente para a produção de látex, pois é grande a freqüência da seringueira enquanto que a castanheira não ocorre além do Rio Iaco, no Acre.	🟩	▨
DEPRESSÕES DA AMAZÔNIA MERIDIONAL Esta região é constituída por uma extensa superfície rebaixada elaborada em rochas ígneas, sedimentares e metamórficas de idade pré-cambriana, dissecada em formas dominantemente convexas, com altimetrias que variam de 200 a 300 m. Estende-se por toda parte central da área, interpenetrando os relevos dos Planaltos Dissecados do Sul do Pará, do Tapajós e dos Residuais do Sul da Amazônia. Está recoberta por diversos ecossistemas, sendo que as suas florestas apresentam volume bruto médio de madeira de 101 m³/ha. É importante ressaltar que esta área apresenta a maior ocorrência (freqüência) das espécies madeireiras mais valiosas da Amazônia e, por isso, é a mais alterada pela exploração seletiva. Entre as principais espécies de valor econômico estão: jutaí *(Hymenaea sp.)*, louros *(Ocotea sp.* e *Nectandra sp.)*, maçaranduba *(Manilkara sp.)*, pau-d'arco *(Tabebuia sp.)*, freijó *(Cordia sp.)*, mogno *(Swietenia macrophylla)*, muiracatiara *(Astronium sp.)*, acapu *(Vouacapoua americana)*, cedro *(Cedrela odorata)*, sucupira *(Bowdichia sp.)*. O extrativismo também é representativo através da coleta de castanha e do látex, cujas árvores produtoras estão dispersas na área.	🟩	▨
PLANALTOS DA BACIA DO PARNAÍBA Esta região é constituída predominantemente por um conjunto de relevos tabulares, representados por chapadas e planaltos residuais, seccionados por vales pedimentados, elaborados em rochas sedimentares que variam em idade desde o Paleozóico até o Cenozóico, com altitude média de 400 m. A cobertura vegetal natural desta área encontra-se em sua maioria, muito alterada pela exploração de madeiras e pelo desmatamento para uso do solo. Amostras realizadas em áreas de floresta natural revelaram um volume bruto médio de madeira de 128 m³/ha, com ocorrência de espécies valiosas. Além do número reduzido de amostras, de inventário, existe o agravante das florestas já terem sido alteradas.	🟧	▨
DEPRESSÃO DO TOCANTINS Esta região compreende uma vasta superfície rebaixada, com altimetrias que variam de 200 a 300 m, elaborada em rochas metamórficas pré-cambrianas pertencentes ao Complexo Goiano e ao Grupo Santo Antônio e rochas ígneas do Grupo Ipueiras. O relevo apresenta-se levemente dissecado, predominando extensivamente formas tabulares e elevações residuais, regionalmente conhecidas por serra Malhada Alta, Maria Antônia e Santo Antônio. Em virtude da ausência de amostras de inventário florestal, da predominância de formações campestres e de áreas antrópicas esta região não foi considerada para efeito de avaliação do potencial florestal.		▨
DEPRESSÃO DO ARAGUAIA Limita-se a oeste com o Planalto dos Parecis e com o Planalto dos Guimarães e interpenetra os relevos residuais do Planalto Dissecado do Sul do Pará, a leste com a Depressão do Tocantins e com o Planalto Central Goiano. Com altimetria que varia de 200 a 300 m, a depressão compreende uma vasta superfície rebaixada, elaborada em rochas pré-cambrianas que circundam os depósitos recentes da Planície do Bananal. O potencial florestal, com um volume bruto médio de madeira de 78 m³/ha é representado por poucas amostras localizadas na Floresta Ombrófila.	🟩	▨
PLANALTO DO PARECIS O Planalto dos Parecis constitui-se numa extensa superfície aplainada, elaborada em terrenos paleozóicos, cenozóicos e, principalmente, mesozóicos levemente dissecada em extensos interflúvios tabulares, com altitudes que variam de 300 a 400 m. Limita-se ao norte com a Depressão da Amazônia Meridional, a leste com a Depressão do Araguaia, ao sul com as Depressões do Alto Paraguai e Guaporé e, a oeste com a Depressão do Guaporé. No tocante ao potencial florestal esta região é a que apresenta o menor número de amostras todas localizadas na Floresta Ombrófila, cujo volume bruto médio de madeira de 57 m³/ha.	🟫	▨
DEPRESSÃO DO GUAPORÉ Situada ao longo do vale do rio homônimo, esta região estende-se no sentido NW—NE com altitude média de 200 m, sendo constituída por uma extensa superfície pediplanada elaborada em rochas proterozóicas e sedimentos quaternários da Formação Guaporé, além de planaltos residuais, planícies e áreas inundáveis no médio e alto Guaporé. A exemplo da Depressão do Araguaia e do Planalto dos Parecis, está situada na faixa de transição climática — climas ombrófilo e estacional — e é representada também por poucas amostras, todas localizadas na Floresta Ombrófila. A análise estatística dos dados revelou um volume bruto médio de madeira de 79 m³/ha.	🟨	▨
DEPRESSÃO DO ALTO PARAGUAI Esta região é formada por um conjunto de depressões interplanálticas levemente dissecadas pelos afluentes do alto curso dos rios Paraguai, Cuiabá e Teles Pires, além de relevos aguçados em forma de cristas paralelas, orientados no sentido W—NE, resultantes da evolução morfológica em estruturas dobradas. Em virtude da ausência de amostras de inventário florestal, da predominância de formações campestres e de áreas antrópicas esta região não foi considerada para efeito de avaliação do potencial florestal.		▨
PLANALTOS SETENTRIONAIS DA BACIA SEDIMENTAR DO PARANÁ Esta região, que compreende as unidades Chapada dos Guimarães e Planalto do Rio das Mortes, é formada por um extenso aplainamento elaborado em rochas que variam do Paleozóico ao Cenozóico. O relevo apresenta-se escalonado em três compartimentos topográficos, com altitudes que variam de 350 a 800 m, levemente dissecados sob a forma de interflúvios tabulares, além de elevações residuais, denominadas localmente de Serra Azul, do Taquaral e do Barra. Em virtude da predominância de formações campestres e de áreas antrópicas esta região não foi considerada para efeito de avaliação do potencial florestal.		▨
PLANALTOS DO DIVISOR SÃO FRANCISCO-PARANÁ Compreende as áreas orogênicas pertencentes aos Sistemas de Dobramentos Brasília e Uruaçú, de grande complexidade tectônica. A heterogeneidade do material rochoso e as diferentes espessuras das camadas dobradas resultaram na esculturação de relevos bem diversificados, onde a estrutura se mostra freqüentemente obliterada pela erosão diferencial. Dentre os relevos dobrados destacam-se as serras da Água Limpa, da Bocaina, do Passa Nove, da Mesa e do Encontro. As cotas altimétricas variam de 400 a 1 200 m. Em virtude da predominância de formações campestres e de áreas antrópicas esta região não foi considerada para efeito de avaliação do potencial florestal.		▨
PLANALTOS DA BACIA SEDIMENTAR DO SÃO FRANCISCO Esta região é constituída por extensos patamares elaborados em rochas calcárias, e em arenitos cretáceos da Formação Urucuia. O relevo se apresenta levemente dissecado, com drenagem fortemente adaptada à estrutura, além de formas kársticas representadas por grutas, dolinas e outras. Em virtude da predominância de formações campestres esta região não foi considerada para efeito da avaliação do potencial florestal.		▨
PLANÍCIES LITORÂNEAS Esta região estende-se desde a foz do Rio Oiapoque até o Golfão Maranhense, constitui-se de sedimentos arenosos, siltosos, argilas e vasas de idade quaternária depositados em ambiente fluviomarinho, onde se destacam restingas, rias, áreas permanentemente alagadas, ilhas, lagos de barragem e deltas. No tocante a vegetação envolve, além das áreas de Vegetação Pioneira Costeira, as florestas do Arquipélago de Marajó que se encontram muito alteradas em conseqüência da exploração madeireira e dos desmatamentos para uso do solo. As poucas amostras realizadas nas florestas acusam um volume bruto médio de madeira de 108 m³/ha com ocorrência de espécies tradicionalmente comercializadas, tais como: acapu *(Vouacapoua americana)*, andiroba *(Carapa guianensis)*, cedro *(Cedrela sp.)* e ucuúba *(Virola sp.)*.	🟨	▨

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS SOLOS DA INTERFACE SOLO-MEIO AMBIENTE E CONDIÇÕES AGRÍCOLAS DAS TERRAS			FATOR(ES) MAIS LIMITANTE(S) À BOA PRODUTIVIDADE
SÍMBOLO NO MAPA	1	Compreendem áreas constituídas de solos com média a alta fertilidade natural, bem drenados, com relevo suave ondulado e/ou plano, sem ou com ligeiros impedimentos ao uso de implementos agrícolas e baixa susceptibilidade à erosão.	Média fertilidade natural em parte da área.
	2	Compreendem áreas constituídas de solos com média a alta fertilidade natural, bem drenados, com relevo ondulado a forte ondulado. Devido às condições de relevo os solos destas áreas são susceptíveis à erosão e apresentam ligeiros a moderados impedimentos ao uso de implementos agrícolas.	Média fertilidade natural em parte da área e relevo.
	3	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural, bem drenadas, com relevo plano, suave ondulado e ondulado, sem ou com ligeiros impedimentos ao uso de implementos agrícolas e baixa susceptibilidade à erosão. Aproximadamente 3% da área apresenta caráter concrecionário.	Baixa fertilidade natural.
	4	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural, bem drenados com relevo ondulado e forte ondulado com ou sem caráter concrecionário. Devido às condições de relevo, os solos destas áreas são susceptíveis à erosão e apresentam moderados e fortes impedimentos ao uso de implementos agrícolas. Admite solos com relevo menos movimentado quando são pedregosos ou a granulometria é muito cascalhenta.	Relevo e baixa fertilidade natural.
	5	Compreendem áreas constituídas de solos férteis ou com média fertilidade natural, bem drenados, com relevo dominantemente forte ondulado. As condições de relevo tornam os solos susceptíveis à erosão e restringem o uso de implementos agrícolas. Admite solos com relevo ondulado, quando são pedregosos.	Relevo e susceptibilidade à erosão.
	6	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural, imperfeitamente drenados, tendo o caráter plíntico e/ou concrecionário. Estes solos apresentam excesso de água na época de maior precipitação pluviométrica. No geral ocorrem em relevo plano e/ou suave ondulado.	Baixa fertilidade natural e excesso de água
	7	Compreendem áreas constituídas de solos férteis, mal drenados, com relevo plano, sujeitos ao regime de inundação periódica de curta duração. Representam certas várzeas encontradas às margens dos rios. Admite ainda, solos férteis imperfeitamente drenados com argila de atividade alta e sujeitos à influência da elevação do lençol freático na época de maior precipitação pluviométrica.	Inundação com curta duração e excesso de água.
	8	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural, mal drenados, com relevo plano, sujeitos ao regime de inundação periódica de curta duração. Representam certas várzeas encontradas às margens dos rios.	Inundação com curta duração, excesso de água e baixa fertilidade natural.
	9	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural, mal ou imperfeitamente drenados, com relevo plano, sujeitos ao regime de inundação periódica de longa duração, no geral superiores a 3 meses ou, submetidos ao excesso de água resultante da elevação do lençol freático por um período prolongado.	Inundação prolongada, lençol freático elevado e baixa fertilidade natural.
	10	Compreendem áreas constituídas de solos rasos ou tendo em sua constituição granulométrica altas percentagens de concreções ferruginosas, com relevo desde o plano ao montanhoso, apresentando fortes limitações ao uso de implementos agrícolas e dependendo da posição fisiográfica apresentam susceptibilidade à erosão moderada.	Pouca profundidade efetiva dos solos, altas percentagens de concreções e/ou relevo.
	11	Compreendem áreas constituídas de solos com baixa fertilidade natural e textura arenosa.	Baixa a muito baixa fertilidade natural e textura arenosa.
	12	Compreendem áreas constituídas de solos hidromórficos salinos, inundáveis pela água do mar e solos de mangue.	Salinidade e excesso de água.

RECURSOS REAIS OU POTENCIAIS			POTENCIALIDADES
SÍMBOLO NO MAPA	A	Au, Ag, Cu, Zn, Fe, Mn, Ba, asb, mg, tc, c, Cr, Ni, Co, Mo, Cd	I — A unidade encerra jazidas, indícios ou ocorrências minerais, e o ambiente geológico induz ser ela potencialmente portadora de mineralizações importantes nos demais locais onde ocorre. Indicam áreas prioritárias para prospecção mineral.
	H	Ti, Zr, Th, Nb, P, ap, Li, U, TR	
	I	Sn, tz, f, Ta, Nb, Zn, W, Li, TR, Be, Au, Mo, Ti	
	M	Au, Sn, di, Nb, Ta	
	N	Al, cu, Au, Ti, Cr, Ni, Pt, di	
	B	Au, Fe, Mn, Cu, Pb, Zn, c, P, U, cr, Ti, gf, ci, tu	II — A unidade é definida com base na interpretação de suas características fundamentais, podendo não ter nenhuma mineralização conhecida, porém, seu ambiente geológico indica a possibilidade da existência de depósitos minerais com alguma chance de constituírem jazidas. Caracterizam áreas que devem ser submetidas a mapeamentos geológicos básicos (1:100 000 ou maiores).
	C	Cu, Pb, Zn, f, Sn, W, Mo, Au, Bi, Nb, Ta, Be, Fe, Ti, cd, S	
	D	di, Au, U, c, Cu, Pb, Zn, Mn, P, Pd, Ni, mg, Cr, Ti, vm, cv	
	G	Cu, Sn, W, Nb, Ta, Mn, Be, Au, TR, F, B	
	J	Cu, at, Ni, Cr, Pt, asb, V, Co	
	K	Ni, Cr, Pt, Co, Cu, asb, Ti, V	
	O	an, gp, c, Petróleo, gas, Au, Fe, U, P, Cu, Pb, Zn, di, Na, Ba	
	E	di, Au, c, P, TR	III — A unidade compreende ambientes geológicos desfavoráveis a formação de jazimentos minerais importantes, embora possam encerrar alguma concentração mineral. Caracterizam áreas que dentro de uma escala de prioridades, e em comparação com as demais unidades, podem ser preteridas no tocante a investimentos do setor mineral nacional.
	F	c, gp, ln, di, tf	
	L	Cu, Ni, Pt, FeS	